



Arquivos de guerras: 1948, de Yoram Kaniuk. Uma ficção fundacional do Estado de Israel

Archivos de Guerras: 1948, de Yoram Kaniuk. Una ficción fundacional del Estado de Israel.

Rodrigo Vasconcelos Machado*

Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Curitiba, Brasil
machadeira@gmail.com

Resumo: Este artigo contempla a análise de *1948*, romance do escritor israelense Yoram Kaniuk (1930-2013). Antes, proporemos um comentário sobre a questão da diáspora judaica, bem como o seu fim e as proposições de Theodor Herzl (1860-1904), no seu ensaio de 1896, a saber, *O Estado Judeu*. Desse modo, será possível propor que o romance de Kaniuk se inscreve como uma ficção fundacional do Estado de Israel, na medida em que revisita a guerra de 1948 e as motivações que levaram a esse conflito, bem como as consequências para os povos envolvidos.

Palavras-chave: Guerra. Estado de Israel. Yoram Kaniuk.

Resumen: Esta investigación propone el análisis de la novela de *1948* del escritor israelí Yoram Kaniuk (1930–2013). Con este fin, se propondrá un comentario sobre la cuestión de la diáspora judía y su término. Además, de compaginar con las proposiciones de Theodor Herzl (1860 – 1904) en su ensayo de 1896, *El Estado judío*. Por lo tanto, será posible proponer que la novela de Kaniuk se inscribe como una ficción fundamental del Estado de Israel, ya que revisa la guerra de 1948 y las motivaciones que llevaron a este conflicto, así como las consecuencias para los pueblos involucrados en susodicho conflicto.

Palabras clave: Guerra. Estado de Israel. Yoram Kaniuk

*Não temas, pois, tu, ó meu servo Jacó, diz o
Senhor, nem te espantes, ó Israel; porque eis que
te livrarei de terras de longe, e à tua descendência
da terra do seu cativo; e Jacó voltará, e
descansará, e ficará em sossego, e não haverá
quem o atemorize.*

* Doutor em Língua Espanhola e Literaturas espanhola e hispano-americana pela Universidade de São Paulo e Professor da Universidade Federal do Paraná.



(Jeremias 30:10)

Introdução: A questão do Estado

O fim da diáspora judaica foi profetizado por Jeremias na epígrafe que abre este artigo e em outras profecias.¹ A religião judaica desde o seu início teve o papel fundamental de religar o passado com o presente, e apontar através de profecias, um futuro com a promessa de retorno à Terra destinada por D'us ao seu povo que foi cumprida. Após a destruição do Segundo Templo em Jerusalém, no ano 70 d.C. pelos romanos comandados por Tito, temos a dispersão dos remanescentes do povo judeu para várias partes do mundo, isto é, Oriente Médio, Europa, etc. Portanto, temos como resultado a diáspora judaica: no hebraico *tefutzah*, "dispersado", ou גלות *galut* "exílio".²

Sem o Templo e os sacrifícios restava como elo de pertencimento do povo judeu a *Torá* oral e escrita, bem como o *Talmude*, isto é, o texto e os seus comentários (*midrash*)³ seriam os elementos que preservariam, ao longo da história, a identidade judaica, e por extensão, a sua memória. Na Bíblia Hebraica um dos elementos-chave está no termo *Zajor*: recordar. Segundo Yosef Hayim Yerushalmi, esse verbo aparece no Pentateuco 169 vezes⁴ nas suas diversas reflexões. Os sujeitos do verbo são D'us e Israel. Além disso, também se verifica a presença do seu correlato: não se esqueça. Um exemplo é a festa da Páscoa judaica: *Pessach* ("passar por cima" – "poupar").⁵

O ponto de inflexão é lembrar e não se esquecer da libertação do cativo egípcio. A memória coletiva⁶ é recuperada por vários elementos presentes na festa, tais como o ato de comer pão não fermentado (e eliminar tudo o que é fermentado antes da festa), *matzá*, durante sete dias com ervas amargas. A participação na festa insere os seus membros dentro de uma tradição em comum com outros grupos dispersos em países diferentes. Sendo assim, o processo de erosão da memória é evitado, pois o "texto" é vivenciado através dos sentidos, mesmo que não seja muito agradável ao paladar. O passado histórico de Israel recordado nos rituais e nas festas religiosas destaca os momentos mais significativos e criam uma tradição que se repetirá ao longo do tempo. A reificação⁷ da memória do passado histórico de Israel não significa que os momentos cruciais recordados insuflariam o sentimento patriótico, antes pelo contrário.

Na teologia judaica, D'us é um pai amoroso com a menina dos seus olhos, mas, quando o seu povo passa dos limites, Ele também o corrige, como afirma Yerushalmi: "La

¹ Jr 31:8-12.

² AUSUBEL, 1989a, p. 238.

³ UNTERMAN, 1992, p. 174.

⁴ YERUSHALMI, 2002, p. 2.

⁵ AUSUBEL, 1989b, 658.

⁶ Cf. HALBWACHS, 2004.

⁷ Observação: reificação é uma operação mental que consiste em transformar conceitos abstratos em realidades concretas ou objetos.



invocación de memoria no se activa por el deseo normal y digno de alabanza de preservar del olvido las heroicas hazañas nacionales. Irónicamente, muchas de las narraciones bíblicas parecen calculadas para desinflar el orgullo nacional.”⁸ O ponto de inflexão está em que mesmo na Bíblia Hebraica, a problemática nacional tem vários ângulos, isto é, não é vista apenas de uma perspectiva ufanista e será retomada por outros escritores: “Na Bíblia Hebraica, porém, o que é muitas vezes evidente é a abundância de tradições nacionais com autoridade, fixadas em formulações verbais específicas, às quais escritores posteriores respondem por meio de incorporação, elaboração, debate ou paródia.”⁹ Os escritores posteriores poderão a partir de uma base comum, como a *Torá*, reelaborar o “como sucedeu”, isto é, o outro significado de *Zajor* para evitar o esquecimento.

Esquecido estava Eretz-Israel, isto é, as memórias dos exiliados passavam de geração a geração em outras localidades, mas a terra natal estava abandonada. De acordo com uma das profecias, a região onde se encontra Israel seria assolada: “Assolarei a terra, e se espantarão disso os vossos inimigos que nela morarem. Espalhar-vos-ei por entre as nações e desembainharei a espada atrás de vós; a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas”¹⁰ E corresponde a descrição da Palestina feita pelo ficcionista Mark Twain na sua visita de 1867 à região. Conforme ele nos narra a sua impressão profunda de uma terra deplorável, inóspita e abandonada:

Nós atravessamos algumas milhas de um território abandonado cujo solo é bastante rico, mas que estava completamente entregue às ervas daninhas – uma vastidão deplorável e silenciosa [...] lagartos cinzentos, que se tornaram os herdeiros das ruínas, dos sepulcros e da desolação, entravam e saíam por entre as rochas ou paravam quietos para tomar sol. Onde a prosperidade reinou e sucumbiu; onde a glória resplandeceu e desvaneceu; onde a beleza habitou e foi embora; onde havia alegria e agora há tristeza; onde o esplendor da vida estava presente, onde silêncio e morte jaziam nos lugares altos, lá esse réptil faz a sua morada e zomba da vaidade humana.¹¹

O retorno a Sião aos poucos vai se delineando no projeto de um Estado Judeu uma paisagem imaginária que se tornou real e que por progressivas mudanças e por ação do homem se modificou para atender as expectativas dos novos habitantes. Antes, era necessário criar as condições de um possível retorno. Uma delas era ter um idioma próprio e a literatura cumpriria o papel de reviver o hebraico. Enquanto a diáspora durou também houve uma literatura judaica escrita e cultivada em outros idiomas, e, sobretudo, em ídiche, mas que pelas suas características específicas não poderia ser reivindicada por nenhuma nação moderna como elemento da sua identidade nacional

⁸ I HALBWACHS, 2004, p. 10.

⁹ ALTER, 1997, p. 25.

¹⁰ Lv 26: 32-33.

¹¹ TWAIN, p. 485, 489.



devido a sua alteridade. O caso do escritor Franz Kafka é bem emblemático, pois escrevia numa língua que originariamente não era sua, o alemão de Praga, mas que serviu de expressão para o sentido que daria dar a sua obra e configurar a sua literatura como menor, pois segundo Deleuze, “[...] a língua compensa, efetivamente, a sua desterritorialização por intermédio de uma reterritorialização no sentido.” O resultado foi a produção de uma obra de projeção mundial, que graças ao seu amigo Max Brod, foi salva da destruição pelo fogo. As marcas do judaísmo nos textos kafkianos se encontram principalmente nos diários e cartas, já nas obras ficcionais não se verifica uma presença explícita.¹² Kafka, como outros membros da *intelligentsia* judaica que viviam na Europa, procurava ser assimilado e incorporar elementos culturais do Ocidente. O caminho para a sua inclusão e de outros grandes nomes, tinha sido aberto antes pela *Haskalá* ou o Iluminismo judaico. Este foi um movimento de renovação operado dentro do judaísmo europeu, sobretudo na Alemanha (destacando a figura de Moisés Mendelssohn) e na França, para a emancipação dos judeus¹³ para fora do gueto: “A *Haskalá* marcou o fim do iídiche, o renascimento do hebraico e adoção de várias línguas europeias.”¹⁴

Contudo, independente dos avanços com a emancipação dos judeus na Europa, recrudescer a sua perseguição com os pogroms no leste Europeu, mormente na Rússia Tzarista, entre outras formas de antissemitismo. Um dos casos mais emblemáticos do antissemitismo no Ocidente foi o do capitão Alfred Dreyfus (1859–1935) injustamente acusado em 1894 de espionagem em favor da Alemanha. O seu julgamento foi testemunhado por uma das figuras chave do movimento sionista, a saber, Theodor Herzl¹⁵ (1860-1904). Duas datas na sua vida se destacam: a publicação em 1896 da obra *Der Judenstaat – O Estado Judeu* e o primeiro congresso Sionista, em 1897, celebrado na cidade da Basileia, Suíça. O episódio de Dreyfus serviu para mostrar a Herzl que o antissemitismo estava longe de acabar e que o melhor que se podia fazer era buscar um lar para os judeus. No seu livro, é estabelecido o que deveria ser feito para a concretização dos seus objetivos. Antes de ir ao assunto, o autor desvela em um texto autobiográfico o que o levou a sua escritura: “Eu também, ao escrever o livro acreditava ouvir algo como um bater de asas sobre a minha cabeça. Trabalhava até ficar exausto. Meu único descanso consistia em ouvir, todas as noites músicas de Wagner, particularmente sua *Tannhauser* [...]”.¹⁶ Herzl escutava óperas wagnerianas, mas talvez devesse em levar conta que alguns dos ensaios do compositor alemão

¹² “Em seus diários e cartas Kafka era presa de uma quase mórbida curiosidade pelo cômico e enigmático mistério do judaísmo ortodoxo, enquanto nas obras ele quase nunca se ocupou com este assunto.” Cf. SHAKED, 1988, p. 11.

¹³ Em 1791, a França se tornou o primeiro país europeu que concedeu aos judeus a cidadania plena e igualdade de direitos. Cf. NISKIER, 2010, p. 70.

¹⁴ NISKIER, 2010, p. 70.

¹⁵ Cf. Theodor Herzl em BASKIN, 2011, p. 227.

¹⁶ HERZL, 2015, p. 6.



continham ataques aos judeus, como o texto *Das Judentum in der Musik*¹⁷– *O Judeu na música*. De todas as maneiras, antecipado o que estava por acontecer, Herzl via na refundação do Estado judeu a saída para a situação dos judeus no Ocidente. O seu ensaio e a sua atuação no Congresso sionista tiveram resultados, pois se constatou desde o início que a ação deveria ser levada em primeiro lugar e não perder tempo em discussões, na medida em que: “O problema judaico existe. Seria tolice negá-lo. É um resquício da Idade Média, do qual os povos civilizados, com a melhor boa vontade, ainda não sabem desfazer-se.”¹⁸ Ter um estado era a resposta e segundo ele amenizaria as perseguições e até os antessemitas poderiam ajudar (!): “Tanto é assim que, observando atentamente, descobre-se que muitos, aparentes amigos dos judeus, não são senão antissemitas de origem judaica, disfarçados de benfeitores.”¹⁹

O plano delineado contemplava tanto sionistas de direita como os de esquerda, mas pensado em termos de compras de terras e estruturação de pessoas jurídicas na forma da *Jewish Company* e a *Society of Jews*. Herzl estava ciente que inicialmente a sua proposição contemplava os judeus: “Eu creio que, em todo caso, devemos por mãos à obra para fazer desaparecer um pouco da miséria, ainda que se trate, por enquanto, somente da nossa própria.”²⁰ O Sionismo foi um dos resultados da *Haskalá*,²¹ mas Herzl não levou em conta que nem todos os judeus concordavam em ter um Estado e que a sua fundação na Palestina geraria um problema humanitário que persiste até os dias atuais. Porém, para aqueles que temiam o pior (e que aconteceu com a Shoah) era uma necessidade real e urgente, como bem aponta Herzl: “Os judeus, que o quiserem, terão o seu Estado e o merecerão.”²²

Durante os 70 anos da existência do Estado de Israel têm o ressurgimento de uma literatura que reflete as diversas mudanças pelas quais tem passado o país, isto é, a relação entre história e ficção com o novo Estado será um dos eixos da recente literatura e entrará como um dos componentes da identidade israelita, na medida em que o povo do livro tinha retornado para o seu país. Podemos dizer que as representações poéticas e ficcionais surgidas a partir de uma mesma língua em comum, o hebraico moderno, criou uma gama variada de nuances que vão discutir o

¹⁷ Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20050419194710/http://reactor-core.org/judaism-in-music.html>>. Acesso em: 11 out. 2019.

¹⁸ HERZL, 2015, p. 9.

¹⁹ HERZL, 2015, p. 13.

²⁰ HERZL, 2015, p. 71.

²¹ “Es decir, la fundación del sionismo y la propia aparición de una nueva realidad judía que hablaba en el nuevo hebreo y expresará hasta hoy, en una poderosa y muchas veces brillante literatura, el nuevo mundo que sumerge a los judíos en la Modernidad en el siglo XX. En efecto, no corresponderá a la visión histórica del movimiento de la *Haskalá* la judeidad moderna, pero creemos igualmente que tal eclosión difícilmente se he hubiera producido sin su labor.” Cf. VALLINA, 2014, p. 694.

²² HERZL, 2015, p. 7.



ser Israel, ou seja, nas palavras da ensaísta Nancy Rozenchan, a “israelidade”²³ Teremos então configurada uma identidade que será engendrada no exílio a partir da resistência e resiliência diaspóricas e que terá elementos de uma comunidade imaginada que produzirão uma mudança no conceito de literatura judaica supranacional, isto é, de uma literatura de uma minoria para a literatura israelense²⁴. Segundo o estudioso Benedict Anderson, uma comunidade imaginada pressupõe que os seus membros jamais se conhecerão entre si, como nós aqui hoje, isto é, “[...] jamais nos vimos ou nem sequer tínhamos consciência da nossa existência. Contudo, na nossa mente viverá uma imagem de comunhão que no momento em que nos encontrarmos pela primeira vez será como sempre já tivéssemos nos conhecido.”²⁵ Desse modo, se configurou uma comunidade imaginada com um território definido para se constituir como uma nação. Segundo o estudioso Edward W. Said, “[...] as próprias nações são narrativas”²⁶ e Israel também pode ser considerado como tal. Além das profecias presentes no *Tanakh* [תנ"ך] temos também outras narrativas que também são ficções fundacionais do Estado de Israel. Antes cumpre um esclarecimento sobre este tipo de ficção.

Essa proposição foi elaborada por Doris Sommer em *Las ficciones fundacionales: las novelas nacionales de América latina* (2004). Sommer descreve os romances após as guerras de independência como narrativas que visam à reconciliação nacional, isto é, são histórias de amor conjugadas ao nascente patriotismo. Porém, esses romances não dão conta de todas as questões que surgiram no decorrer da separação das antigas metrópoles, como a dependência econômica e cultural das jovens nações, bem como um projeto de país que não levava em conta as suas especificidades e ignorava a grande massa dos excluídos que não eram contemplados no projeto, isto é, os escravos e indígenas. O amor é cego e impede que vejamos as imperfeições do ser amado e quando a realidade se impõe surge o desencanto. De todas as maneiras, a sedução erótica que exercem as narrativas de amor com finais felizes ou não, como *Iracema*, de José de Alencar, *María*, de Jorge Isaacs, entre outros romances, é avassaladora para os seus leitores e configurará a sua identidade nacional. Estas obras caminham juntas com a história patriótica e, que segundo Sommer, desenvolveram um desejo fervente de felicidade que se desdobrou em sonhos de prosperidade nacional, onde foram

²³ ROZENCHAN, 2004, p.11.

²⁴ Na atualidade, a literatura israelense se depara com outras vozes que externam a sua alteridade em hebraico, como dos árabes-israelenses, entre outros: “Um fenômeno incomum no contexto mais recente é que se pode falar de uma literatura hebraica que não é mais somente a literatura de um povo, mas de uma multiplicidade de culturas em que o hebraico é a língua comum de escrita.” Idem, *ibidem*, p. 110.

²⁵ ANDERSON, 2000, p. 23.

²⁶ SAID, 1995, p. 12.



concretizados em projetos de nações que invertem as paixões privadas nos objetos públicos.²⁷

Por analogia podemos estender as proposições anteriores para entender como se constituiu em Israel uma literatura de fundação que corresponde ao seu contexto histórico e social. Após 1948 surge na historiografia literária a denominada “Geração do estado” ou *Dor Ha-mediná*. Esta denominação foi dada em 1952 por Gabriel Moked, e, concomitantemente Gershon Shaked a denominou de “nova onda”. Os autores que pertencem a esta geração e que publicam depois da criação do Estado de Israel são os denominados *sabras*. O termo “sabra” costuma ser utilizado para definir os indivíduos nascidos em Israel. No entanto, é também o nome, em hebraico, de uma fruta da família das cactáceas, abundante nos montes de Golan, assim como no resto de Israel. E, por ser espinhosa por fora e muito doce por dentro, tornou-se a metáfora perfeita para definir o caráter do israelense: áspero e resistente, em seu exterior, mas extremamente terno em seu coração. Os escritores “sabras” eram nascidos nos anos 30 e tendo como língua materna o hebraico. Inicialmente, as produções poéticas surgem a partir dos anos 50, e, a narrativa apareceria uma década depois. Em linhas gerais, os textos que fazem parte dessa geração recusam a função social e nacional da literatura.²⁸ Além disso, a realidade israelense passa a ser tratada como símbolo. Há a confrontação entre os oriundos de outros países, mormente da Europa, com os novos hebreus nascidos em Israel, isto é, os *sabras* pioneiros que vão se tornar uma das principais figuras da literatura. Conforme Rozenchan, “[...] os *sabras* são talvez a materialização perfeita dos sonhos dos antepassados”. Para se verificar como se configura a questão da guerra de 1948 e os seus desdobramentos a partir do ponto de vista ficcional dessa geração, investigaremos um dos seus escritores, a saber, Yoram Kaniuk.

1 Yoram Kaniuk: 1948

Yoram Kaniuk (1930-2013) nasceu em Tel Aviv no seio de uma família asquenazita. Ele ingressou ainda jovem nas fileiras do Exército da independência, *Palmach*, e ajudou na repatriação de sobreviventes da Shoah. Teve uma vivência nos Estados Unidos, sobretudo em Nova York por dez anos e plasmou este período em algumas de suas obras. Kaniuk foi uma testemunha do genocídio e das guerras de Israel. Em uma das suas últimas obras, debruça o seu olhar na guerra de 1948 e revisita um momento da história de Israel que foi decisivo para a fundação do Estado, como foi preconizado por Theodor Herzl. O seu ponto de vista é o de um jovem que combate nas fileiras do exército, isto é, o individual se destaca frente ao projeto coletivo que resultaria no Estado. A premissa religiosa fica em um segundo plano e temos uma perspectiva mais crítica e de alguém que participou diretamente dos combates. A diferença temporal com o ano de publicação do seu texto também é relevante, pois a obra foi lançada em 2010, em um momento mais favorável a este tipo de abordagem, na medida em que

²⁷ SOMMER, 2004, p. 23

²⁸ LOZANO, 2002, p. 780.



propunha rever o passado nacional a partir de outra ótica. As atrocidades cometidas pelos israelenses no embate de 1948 eram uma ferida aberta que poucos em Israel estavam dispostos a escutar, por isso que Kaniuk, apesar de ter participado da geração do Estado, não estava muito à vontade na sua época e teve um reconhecimento tardio quando beirava os setenta anos.

O narrador de *1948* começa a sua história relacionando o Estado e a questão da memória, ou seja, como se constrói uma memória coletiva tendo em conta outras versões dos fatos que aconteceram por aqueles diretamente envolvidos na guerra: “Ocurrió o no ocurrió, de este modo o de otro, ninguna memoria tiene Estado, ningún Estado tiene memoria. Puedo recordar o inventar un recuerdo y al mismo tiempo, inventar un Estado o pensar que en el pasado fue otro distinto.”²⁹ O narrador, assim, deixa claro que pode reescrever a história a partir do seu ponto de vista, daí a narrativa em primeira pessoa com elementos autobiográficos que gera uma maior proximidade com o leitor e confere ao texto um sabor de um testemunho ficcional. Um dos elementos que vão caracterizar a sua escritura é o de contar aquilo que foi divertido para ele: “Al final lo he escrito con este otro título, *1948*, que no es nada divertido, porque realmente he querido escribir sobre lo más divertido que me ocurrió en la guerra.”³⁰

Intitular um romance por uma data tão significativa indica que o nascimento de uma nação trouxe consigo vários problemas que ainda não foram resolvidos, pois marcou o fim da diáspora judaica, e, como estava antecipado por Herzl, parecia que resolveria a questão judaica, mas como podemos constatar está longe de uma saída satisfatória para todos os envolvidos.

Em 14 de maio de 1948, um dia antes do fim do Mandato Britânico sobre a Palestina, David Ben-Gurion, presidente da Agência judaica para a Palestina e chefe da organização Sionista Mundial, proclamou a independência de Israel, desencadeando o conflito com as nações vizinhas e com os árabes palestinos. A escolha do nome do novo país tem a sua importância, posto que a proposição de Herzl fosse seguida, isto é, **Estado de Israel** (em hebraico: מְדִינַת יִשְׂרָאֵל, transliterado *Medīnát Isra'él*, após serem rejeitadas outras propostas como Eretz Israel ("Terra de Israel"), Sião e Judeia. Na declaração de Independência, a Terra de Israel está presente no texto, mas sempre considerando o novo país nos moldes Ocidentais. O novo Estado tinha como meta reunir os sobreviventes da Shoah e os demais dispersos pelo mundo. O narrador de *1948* também contribuiu, pois “[...] sabía que en los pequeños barcos que estaban en el mar deambulaban miles de supervivientes del Holocausto sin hogar a quienes ningún país quería [...]”.³¹ Contudo, será com estas pessoas que se fundará o novo Estado: “Fuimos a traer judíos por mar y terminamos fundando un Estado en las montañas de

²⁹ KANIUK, 2012, p. 9.

³⁰ KANIUK, 2012, p. 9.

³¹ KANIUK, 2012, p. 9.



Jerusalén.”³² Propor a constituição de um Estado e o seu estabelecimento em uma região que contava com uma considerável população árabe palestina aos poucos se revela uma tarefa nada fácil, isto é, tanto no ensaio de Herzl bem como na declaração de independência de Israel não estavam contempladas quais seriam as outras formas de se lidar com as pessoas ali presentes. Acabou prevalecendo a guerra e as suas terríveis consequências. A compra de terras foi só um primeiro passo para outras etapas. As etapas subsequentes contemplavam a pura e simples anexação e expulsão dos seus habitantes originais. Contudo, a votação na ONU pela criação do Estado de Israel foi um momento de grande felicidade para os judeus: “Y cuando llegó noviembre, todos salieron a la calle o se agruparon alrededor del que tenían un aparato de radio y rieron, felices como jamás habían estado ni estarían nunca más, y contaron con emoción, con firmeza, con ansia, con fe, con miedo los votos de la ONU.”³³ Outro escritor também registrou esse momento, a saber, Amós Oz (1939-2018) no seu romance autobiográfico *De amor e trevas*, publicado em 2002:

E com isso a sua voz foi engolida pelo rugido que explodiu na rádio, transbordou, se alastrou em avalanche, vindo das galerias, das pessoas enlouquecidas de felicidade no salão Lake Success, e passados dois ou três segundos de pasmo, de bocas entreabertas como se sentissem sede, de olhos bem abertos, de repente nossa remota ruazinha também urrou e rugiu, dos limites de Kerem Avraham, no extremo norte de Jerusalém, num estrondoso grito primal, cortando a noite, os prédios e as árvores [...].³⁴

Os soldados da linha de frente é que tinham que arcar com as consequências da declaração de Ben Gurion: “[...] ¿dónde ha fundado Ben Gurión su estado? Y dijo que se decía que lo había fundado en Tel Aviv y le dijimos: escucha, nosotros estamos sitiados aquí, en Jerusalén, estamos en Bab el-Wad y aquí Estado, y Jersusalén no se encuentra en el Estado de Tel Aviv, y nos dormimos.”³⁵

O ufanismo passa na prosa de Kaniuk por um processo de erosão através do humor trágico: “[...] y eso es lo más gracioso que me pasó en aquella guerra, que fundé un Estado mientras dormía y bailaba una *horá* junto a un compañero desconocido que estaba partido en dos.”³⁶ O preço para cumprir as diretrizes do novo Estado foi pago em sangue, mas mesmo assim, o importante era dançar. Ao visitar o seu passado, o narrador já idoso constata que as novas gerações não estão à altura do sacrifício feito por ele os seus colegas do *Palmach*: “Soy un viejo enfermo pensando en el nuevo Estado que fundó Ben Gurión, un Estado que hoy tiene sesenta años, cuyos padres ya no están

³² KANIUK, 2012, p. 10.

³³ KANIUK, 2012, p. 23.

³⁴ OZ, 2005, p. 407.

³⁵ KANIUK, 2012, p. 10.

³⁶ KANIUK, 2012, p. 10.



vivos y cuyos herederos, unos estúpidos, mentecatos, rateros y granujas, han olvidado de donde vienen.”³⁷ As novas gerações se esqueceram das suas origens e o narrador faz questão em recordar que ele é um autêntico sabra: “Yo solo era un miserable erezisraelí, un sabra, de buena familia, mi padre era el diretor de un museo y, mientras los judíos morían, el organizaba conciertos de cámara donde tocaban a todos sus alemanes.”³⁸ Esse novo homem judeu, esse *eretz* israelense, diferente dos judeus europeus que foram abatidos pelos nazistas, foi criado para ser o vingador da história de Israel. Porém, todo a sua paixão pelo país e motivação não redundaria na vitória completa dos seus ideais, antes pelo contrário, foi uma vitória de Pirro: “Nos enviaron con gran entusiasmo a fundar un Estado para sus familias asesinadas, a fundar un Estado para sus muertos, y ellos no sabían que el Estado sería una especie de manicomio en el desierto, todo sembrado de la harina de huesos de judíos que no lograron llegar vivos.”³⁹ Realmente, muitos judeus não tiveram a oportunidade de chegarem vivos: 6 milhões de pessoas foram exterminadas. No entanto, os que conseguiram a façanha de chegar a Eretz Israel eram pessoas que estavam em um estado muito lamentável: “Las calles empezaron a llenarse de seres miserables que se parecían al hombre que había estado con mi padre, vestidos como príncipes mendigos. La ciudad se llenó de personas destrozadas.”⁴⁰ A atitude do narrador diante das massas de imigrantes provenientes dos campos de concentração chega a ser em alguns momentos a ser dura na sua descrição: “Parecían como una plaga de langostas que ataca una ciudad. No se dirigieron a las casas vacías. ¡Las asaltaron! Se lanzaron sobre ellas con hambre, con avidez, mientras los dueños de esas casas permancecían junto a la alambrada lejana con la esperanza de regresar [...]”⁴¹ Porém, há uma explicação que atenua um pouco a visão do narrador dos sobreviventes da Shoah: “Gentes que habían salido del infierno para regresar a la historia, que yacía golpeada y aullante sobre las alambradas de espino”.⁴²

Guardada as devidas proporções, o que passou com os judeus se repete com os árabes palestinos que perdem as suas casas e o que imaginam ser o seu país, isto é, a diáspora palestina: “Dirían que trajimos la *Nakba* para expulsar a los árabes.”⁴³ Obedecer ordens sem muita discussão sobre a sua moralidade ou não somente será feito muito após a guerra de 1948, pois à diferença das seguintes sua principal característica foi ter sido para garantir a futura existência do Estado. Ter uma atitude mais crítica estava fora das preocupações dos combatentes israelenses do *palmach*: “El *sígueme* [imperativo] se convirtió en el error más horrendo y más noble de aquella terrible guerra tan difícil

³⁷ KANIUK, 2012, p. 12.

³⁸ KANIUK, 2012, p. 14.

³⁹ KANIUK, 2012, p. 12.

⁴⁰ KANIUK, 2012, p. 14.

⁴¹ KANIUK, 2012, p. 50.

⁴² KANIUK, 2012, p. 51.

⁴³ KANIUK, 2012, p. 51.



de explicar hoy en día.”⁴⁴ Logo surgiram as mazelas da guerra, mesmo contra o seu próprio povo: “En los barrios ultraortodoxos izaron banderas blancas de rendición y nos lanzaron piedras. Me enfurecí. Junto con Alias-Ari, que bajo del segundo camión, golpeamos a algunos de los que lazarón piedras.”⁴⁵ O jovem combatente não suporta a recepção dos judeus ultraortodoxos, pois tivera que matar por eles: “Oí los estertores del árabe y por primera vez en mi vida vi como alguien moría.”⁴⁶ O seu idealismo herdado do pai de justiça e da criação de um Estado binacional se choca com a dura realidade. Não obstante, há momentos onde o poético prevalece durante a conquista de Jerusalém, remetendo a tradição passada do cativo da Babilônia: “Nos sentamos recostados según la tradición y lloramos junto a los ríos de Babilonia, de la Jerusalén no reconstruída. Aquel fue para mí el momento más hermoso de aquella puta guerra.”⁴⁷ As vitórias do *Palmach* serão mais importantes para as gerações vindouras, mas as derrotas devem ser esquecidas, como a da localidade de Nabi Samwill, onde alguns dos seus soldados foram mortos pelos árabes.

Ou então quando as tropas vitoriosas do *Palmach* entram em uma cidade árabe abandonada pelos seus moradores e o narrador sente o peso do remorso na sua consciência de haver perpetrado um crime ao se recusar interferir com um soldado israelense que aponta sua arma para os ex-moradores árabes que foram despejados de suas casas: “Sentí que era cómplice de un delito, sentí que la conciencia que me había acompañado durante mi juventude, en la que había confiado siempre se había dormido en aquel momento crítico, porque ¿qué podía hacer? ¿luchar contra un soldado de un Estado que yo acaba de ayudar a fundar?”⁴⁸

A *Nakba* resultou em ser uma catástrofe para os palestinos, e, independente que o jovem narrador tivesse uma formação mais progressista, a realidade acabou se impondo. Uma das consequências é que os habitantes expulsos se tornaram os “ausentes presentes”, isto é, este conceito faria parte das novas leis do Estado para impedir o retorno daqueles que por algum motivo tinha se ausentado da sua localidade dentro do território do novo Estado: “Era un presente porque estaba ahí y era un ausente porque no estaba.”⁴⁹ Matar em combate era uma coisa, como descrita antes, mas matar um inocente, uma criança, também atormentará o narrador: “He escrito que maté a un niño. Pero todo el que estuvo en aquella batalla sobre lo que he escrito sabe que no maté al niño.”⁵⁰ A escolha era entre o seu colega que segurava uma criança árabe e esta. O tiro dado atingiu a criança.

⁴⁴ KANIUK, 2012, p. 22.

⁴⁵ KANIUK, 2012, p. 33.

⁴⁶ KANIUK, 2012, p. 18.

⁴⁷ KANIUK, 2012, p. 38.

⁴⁸ KANIUK, 2012, p. 50.

⁴⁹ KANIUK, 2012, p. 50.

⁵⁰ KANIUK, 2012, p. 57.



Considerações finais

No romance de Yoram Kaniuk constatamos que o traço característico da sua escritura aqui comentada é a de ter na sua tessitura histórias sobre o mundo que o rodeia, isto é, um mundo circunscrito ao seu redor, onde as grandes façanhas são atos aparentemente sem importância para a maioria das pessoas, mas que para ele ganham especial significação, pois participou da fundação do Estado de Israel. Ao retratar a guerra de 1948, contemplando tanto os seus altos e baixos, traz um ponto de vista que corrobora o fato de o seu livro ser uma ficção fundacional. *1948* traz a baila o começo de um conflito que ainda perdura, posto que os fundamentos do Estado Judeu delineado por Theodor Herzl não levaram em conta a complexidade da refundação de um país em um contexto totalmente diferente da época bíblica.

Referências

- ALTER, Robert. Introdução ao antigo Testamento. In: KEROMODE, Frank; ALTER, Robert (Org.). *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997. p. 23-48.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. Trad. Eduardo L. Suárez. Buenos Aires: FCE, 2000.
- AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento Judaico I*. Trad. Eva S. Jurkiewicz. Rio de Janeiro: A Koogan Editor/Sêfer, 1989a.
- AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento Judaico II*. Trad. Eva S. Jurkiewicz. Rio de Janeiro: A Koogan Editor/Sêfer, 1989b.
- BASKIN, Judith R. (Org.). *The Cambridge dictionary of Judaism and Jewish Culture*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Kafka: por una literatura menor*. México/DF: Era, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *La memoria colectiva*. Trad. Inéz Sancho-Arroyo. Zaragoza: Prensas universitarias de Zaragoza, 2004.
- HERZL, Theodor. *O Estado Judeu*. Trad. Dagoberto Mensch. São Paulo: Consulado Geral de Israel em São Paulo/Porteiro editor digital, 2015.
- KANIUK, Yoram. *1948*. Trad. Raquel G. Lozano. Barcelona: Libros del asteroide, 2012.
- LOZANO, Raquel García. La generación del Estado (*Dor Ha-Mediná*). In: SEIJAS, Guadalupe (Org.). *Historia de la literatura Hebrea y Judía*. Madrid: Trotta, 2014, p. 787-814.
- NISKIER, Arnaldo. *Haskalá. O Iluminismo judaico. A grande aventura do espírito*. Rio de Janeiro: Altadena, 2010.



OZ, Amós. *De amor e trevas*. Trad. Milton Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROZENCHAN, Nancy. *Literatura hebraica: vertentes do século XX*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SHAKED, Gershon. *Sombras de identidade*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SOMMER, Doris. *Ficciones fundacionales*. México/DF: FCE,

TANAH תנ"ך. Completo [Hebraico-português]. Trad. David Gorodovits; Jairo Fridlin. São Paulo: Sêfer, 2018.

TWAIN, Mark. Innocents Abroad. *Electronic Text Center*, Biblioteca da Universidade de Virginia, cap. 47, p. 489; cap. 46, p. 485. Disponível em: <http://orientemedioemfotos.blogspot.com/2013/11/mark-twain-visita-palestina-1867.html>. Acesso em: 11 out. 2019.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VALLINA, Javier Fernández. El encuentro con la modernidade: la *Haskalá*, In: SEIJAS, Guadalupe (Org.). *Historia de la literatura Hebrea y Judía*. Madrid: Trotta, 2014. p. 683-694.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zajor. La historia judía y la memoria judía*. México: Antrophos/Fundación Cultural Eduardo Cohen, 2002.

Recebido em: 20/09/2019.

Aprovado em: 20/10/2019.